



ALIENAÇÃO DA TÉCNICA NA FILOSOFIA DE MAYZ VALLENILLA

Alienation of the technique in Mayz Vallenilla philosophy

Carlos Javier Lozada Villegas¹

RESUMO

Neste ensaio, gostaria de esclarecer, por meio da filosofia de Mayz Vallenilla, a estreita relação que existe entre técnica e alienação, como uma filosofia da técnica que se preocupa com o comportamento do homem, portanto, com sua alienação. Como resultado, este ensaio será dividido em três partes: na primeira seção, será desenvolvido um diálogo entre um historiador e um sociólogo, para construir uma breve história da técnica; na segunda seção apresentarei um diálogo sobre o conceito de alienação entre Marx e Heidegger a partir do pensamento do filósofo venezuelano Mayz Vallenilla e na última seção apresentarei a conexão entre ética e meta-técnica como alternativa atraente à alienação técnica.

Palavras-chave: Alienação; técnica; homem.

ABSTRACT

In this essay I would like to clarify through the philosophy of Ernesto Mayz Vallenilla, the close relationship that exists between technique and alienation, as a philosophy of technique that is concerned with the behavior of man, therefore, with his alienation. As a result, this essay will be broken down into three parts: in the first section, a dialogue will be developed between a historian and a sociologist, to build a short history of the technique; In the second section will present from the philosophy of Ernesto Mayz Vallenilla a dialogue on the concept of alienation between Marx and Heidegger and in the last section will present the connection between ethics and meta-technique as an attractive alternative to technical alienation.

Keywords: Alienation; technique; man.

¹ Professor Instrutor Tempo Integral vinculado ao Departamento de Ciências Sociais do Centro Universitário “Rafael Rangel” da Universidade dos Andes em Trujillo Venezuela. Mestrando em Filosofia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL-UFPI), cursando Mestrado em Filosofia. Formado em Filosofia pela Universidade Central da Venezuela e Mestre em Literatura Latino-americana pela Universidade dos Andes. E-mail: carlosloz86@gmail.com

1 Uma pequena história da técnica

Não havia como negar o caráter histórico da técnica, desde o início da civilização humana, até os nossos dias atuais podemos afirmar que "[...] como atividade humana, o trabalho técnico é eminentemente histórico [...]" (MAYZ, 1990, p. XXI)². Enquanto isso, o desenvolvimento da técnica está unido a um intelecto que beneficia aleatoriamente ou não o desenvolvimento e a evolução da humanidade, Vallota (2004), nos diz que: "Mayz reconhece a Técnica como um fato histórico. A Técnica em suas modalidades surge em um momento da história do homem e suas características não existiam idênticas em todo o futuro humano [...]" (VALLOTA, 2004, p. 07), nesse sentido, cada época tem diferentes elementos e características da técnica, ou seja, que a técnica não se comporta em relação ao seu próprio criador, criador e usuário da mesma forma; toda idade tem uma história, toda história tem uma cultura, toda cultura tem uma maneira de pensar e cada maneira de pensar tem uma maneira de definir o que fazer técnico, é por isso que Vallota é empático ao dizer isso:

Assim, as características da Razão que possibilitam o desenvolvimento técnico de cada idade não podem ser universais, nem temporárias, nem necessárias, mas também surgem a qualquer momento da gestação humana, como resultado de um conjunto de circunstâncias que lhes permitem (idem).

Esse é o potencial desenvolvimento da técnica em suas múltiplas possibilidades, essa historicidade é de grande importância porque, como um todo, é dada por fatos antropológicos e sociológicos da humanidade. Uma história que vai do homem pré-histórico ao homem do espaço, da era termonuclear e computacional da Inteligência Artificial. Como resultado, tais fatos históricos da técnica e sua condição histórica a-posteriori e não do pensamento puro a-priori que mais tarde nos desenvolveremos com Mayz Vallenilla, quero dizer que, tanto quanto a técnica como condição antropológica e sociológica é eminentemente histórica, mas quanto à sua condição de pensamento puro, sua razão e fundação que a permite é eminentemente filosófica. Quanto à sua condição histórica (antropologicamente e sociologicamente falando), ela será desenvolvida e orientada por duas formas de ver isso, tornando-se técnica e tecnologia. Essas duas visões são as de Luís Bonilla e de Darcy Ribeiro. O primeiro descreve tal se tornar por períodos ou idades, como a idade da pedra, a Idade Média, o Renascimento, a era industrial e o mundo contemporâneo ou o mundo espacial. A segunda visão diz respeito a que toda revolução tecnológica se desdobre nos processos civilizatórios, portanto, o modo de historiador técnica ou tecnologia é uma consequência para cada revolução dada, como: a revolução agrícola, a revolução urbana, à revolução da irrigação, a revolução metalúrgica, a revolução pastoral, a revolução comercial, a revolução industrial e, finalmente, a revolução termonuclear. Essas formas de história nos ajudarão

² De aqui em diante as traduções do espanhol ao português são nossas.

a especificar as diferenças e semelhanças da evolução da técnica em diferentes épocas. Para Darcy Ribeiro, há revoluções tecnológicas e para Luís Bonilla, há uma evolução da técnica. Abaixo haverá uma breve descrição histórica da técnica que vai desde a idade da pedra até a era espacial.

Para Luís Bonilla, há um milhão de anos, o chamado homem-macaco (*Australopithecus*) em luta contra a natureza hostil começou a esculpir a pedra para fazer ferramentas. Essa descoberta feita por Broom e Deart (1924-1948) atesta o "início da técnica". Além disso, a técnica de pedra foi incluída em dois períodos, o paleolítico inferior e o paleolítico superior, no primeiro compõem as etapas do pré-chelseaense, chelense e musteriense e no segundo os estágios Auriñaciense, Solutrense e Magdalenian, então como foi a técnica no paleolítico inferior? "[...] descobriu a dureza do *syllax* e sua propriedade de dividir em lacas que deixaram bordas afiadas [...]" (BONILLA, 1975, p.16) começa a experimentar a técnica da forma mais remota e primitiva, o "tipo humano" que existia nesse período era o homem neandertal (*homo primigenius*) Como foi a técnica no paleolítico superior? Segundo Bonilla, eles tinham "um nível mais alto de utensílios", sendo este o momento mais alto da "técnica paleolítica", o "tipo humano" que existia era o homem Cromagnon, que tinha uma técnica cinética baseada nas "flechas ou dardos" (Cf. pp. 16-20).

Segundo Bonilla, o "Neolítico" começa por meio de técnicas agrícolas para cultivar os campos e também começa a cerâmica, mas para Darcy Ribeiro³ o cultivo dos campos que a chamou de revolução agrícola e onde houve um desenvolvimento mais extenso da agricultura chamado de revolução urbana, sua extensa agricultura foi dada por melhorias genéticas básicas e técnicas importantes de irrigação e fertilizante da terra (Cf. RIBEIRO, 1970, p. 55), passando por grandes mudanças em sua capacidade de produção, no espaço com a descoberta de cerâmica (Cf. p. 53), a coisa que define o neolítico é que ela muda a técnica de escultura de pedra para a técnica de polimento de pedra, essas pedras polidas são mais eficientes ao cortar madeira e trabalhar o campo (Cf. BONILLA, 1975, p. 22). O papel das mulheres na época foi importante para o desenvolvimento da técnica, as mulheres começam com o trabalho de artesanato, tecidos, cestas, coisas feitas de couro e cerâmica (Cf. p. 23).

É por isso que encontramos uma diferença entre a técnica neolítica e a técnica paleolítica, tal diferença é pelo seu "conceito de habitação", há diferentes trabalhos onde a coisa predominante é trabalhar na fabricação de habitação e a da colaboração social (Cf. BONILLA, p. 24-25); essas diferentes construções, como os palafitos, que servem para habitar, como o monumental círculo de Stonehenge, que serviu de espaço para reuniões, constitui uma evolução da técnica do homem. Mas, segundo Darcy Ribeiro, essas novas tecnologias formaram a vida social em uma "estratificação ocupacional", tanto a estratificação social quanto a organização política são promovidas por revoluções e processos tecnológicos, como resultado, essas novas populações

³ Darcy Ribeiro não fala como tal de períodos, como no caso do Neolítico, mas nesse período segundo Darcy duas revoluções tecnológicas foram feitas.

rurais e urbanas foram transmutadas de forma ética e social (Cf. RIBEIRO, 1970, p. 62). Na última etapa do período neolítico avanços prudentes foram feitos na técnica, o homem começa a trabalhar com metal; o primeiro metal foi o cobre trabalhado em choque para ornamentos, para Darcy, foram as hordas pastorais nômades e os estados rurais artesanais que passaram a utilizar tal técnica metálica e como a tecnologia metalúrgica criou um processo civilizatório que ajudou o surgimento do Estado e as formações das primeiras grandes civilizações da antiguidade (Cf. p. 58).

Luís Bonilla, nos conta algumas características das técnicas das culturas mais antigas e marcantes, entre elas temos os egípcios, os hititas, os mesopotâmicos e os persas; no primeiro encontramos a "técnica de pedreiro", que foi usada para o corte dos blocos brutos das pirâmides. No segundo houve uma evolução da técnica para a fabricação de armas, é reconhecida aos hititas que foram os povos originais que trabalharam o ferro, embora os cretenses também tenham trabalhado. A terceira, mesopotâmia, é o chuveiro na técnica de argila, essa técnica ajudou todos os tipos de construções que, entre as quais estava a famosa construção da torre de Babel, que segundo Bonilla, os persas em sua religião-filosofia-cultura idealizaram o trabalho como algo quase divino sendo a primeira cultura a fazê-lo, essa idealização do trabalho ajudou a mudar a mentalidade nômade para a mentalidade agrícola, os persas também são reconhecidos como uma grande invenção técnica: a dos aquedutos (Cf. BONILLA, 1975, p. 29-38). Nesse sentido, segundo Darcy Ribeiro, nas civilizações mencionadas acima por Bonilla, podemos descobrir que graças às suas tecnologias eles não sacrificaram ou mataram mais seus prisioneiros de guerra, mas os usaram como escravos, sendo os primeiros indícios de escravidão (Cf. RIBEIRO, 1970, p. 57), hoje nosso senso de escravidão é de algo não civilizado, mas naquela época era o mais civilizado, portanto, seu senso de escravidão era civilizatório, porque diante da barbárie da morte havia perdão para a vida.

Como nunca, nessas civilizações houve a revolução da irrigação onde foram dadas "[...] as bases tecnológicas dos impérios teocráticos da irrigação [...]" (RIBEIRO, 1970, p. 76), essas civilizações desempenharam um papel importante nos sistemas de engenharia hidráulica, técnicas aprimoradas de transporte por mar e terra, criaram ou desenvolveram escrita, matemática, astronomia, arquitetura monumental e melhoria do cobre, bronze e ferro (Cf. p. 81).

É de grande importância para Bonilla, que para os gregos foi vital o desenvolvimento da técnica, nos diz que a cultura grega foi fundada em dois princípios: "Realismo e amor ao trabalho: daqui toda a dinâmica grega, filosófica, técnica e social evoluiria [...]" (BONILLA, 1975, p. 85). A base do pensamento "técnico" no Ocidente deve-se ao "realismo helenístico" e à cultura grega. Seu conhecimento científico, que para muitos é vaidoso, mas a mentalidade "pré-técnica", "[...] como uma dinâmica persistente, inquietação para resolver problemas ou anti-conformismo rebelde que incita a pesquisa e o trabalho [...]" (p. 86) não são importantes para o realismo helênico. A

técnica grega transcendeu de acordo com o texto de Bonilla todas as áreas da vida humana: técnicas na medicina, navegação, no exército, como representações de mitos nas famosas naves de Ulisses e no Tear de Penélope (Cf. pp. 86-94).

Os técnicos mais prestigiados do mundo grego foram os "construtores de máquinas" que desenvolveram as chamadas técnicas utilitárias. As grandes invenções em torno da técnica grega são parafuso, paçate, polia, odômetro de virar, bomba de spirante-impeling, sifão, relógios de água, moinhos, prensas, túneis ou canais, faróis, catapultas de pedra e grandes lançando bestas de dardo. A escola de Alexandria é o grande representante da técnica grega aplicando seu conhecimento matemático à técnica mecânica que influenciou nossos métodos atuais de mecanização, incluindo tecnologia e industrialização (Cf. BONILLA, 1975, p. 103).

O humor ou natureza quase espiritual da técnica no mundo grego não era tão utilitário, com certas características semelhantes à nossa técnica atual, exceto em alguns casos. Luís Bonilla refere-se a essa técnica como uma busca para experimentar o "conhecimento físico e matemático" feito pela referida escola de Alexandria e outros não tão famosos. Lemos: "[...] eles fizeram invenções como uma melhoria prática do que seus conhecimentos teóricos poderiam alcançar [...]" (BONILLA, 1975, p. 104). Consequentemente, a técnica romana recebe essa grande influência grega, mas com certas diferenças em seus sentidos e propósitos também. Os gregos desenvolveram a técnica para colocar seus conhecimentos em prática, mas os romanos usavam a técnica para resolver problemas da cidade, os técnicos gregos ajudavam ao desenvolvimento, mas seu fim não era esse, mas para tornar prático seu acervo teórico, mesmo que no final não servisse ou não tivesse um sentido prático, ou seja, tornar prático seu acervo teórico, a técnica grega era anti-utilitária e a técnica romana era utilitária. Tal situação levou os romanos a serem grandes construtores de arcos, cofres, pontes, canais, cúpulas, aquedutos e uma majestosa rede de estradas por todo o Império Romano. Utilizaram a técnica de assentos, a técnica de blocos de pedra e concreto, sendo esta última uma evolução nas técnicas arquitetônicas (Cf. pp.113-122). Tanto os romanos quanto os gregos também eram conhecidos por suas revoluções metalúrgicas, fabricavam armas, moedas, peças para barcos, etc. Os romanos e os gregos influenciaram substancialmente técnicas futuras de períodos posteriores (Cf. RIBEIRO, 1970, p. 85-92).

Dando um grande salto histórico, o desenvolvimento técnico da Idade Média Europeia foi devido aos monges, esses monges foram os principais participantes no desenvolvimento de técnicas medievais. Nesse sentido, um dos grandes avanços técnicos a que Luís Bonilla se refere, foi a nova forma de enganchar a cavalaria que herdou da revolução tecnológica metalúrgica e foi propícia nessa época a nova tecnologia de cavalaria chamada por Darcy como a revolução pastoral (Cf. RIBEIRO, 1970, p. 95). Na técnica medieval não havia nenhuma técnica autêntica como tal, mas uma redescoberta da técnica "grego-romana", que os monges vieram recuperar as brilhantes invenções da antiguidade. A atividade e o desenvolvimento da técnica desses sábios medievais

não foi a inventividade em si, mas a melhoria dos molinos, prensas, lemes de navios, etc. (Cf. BONILLA, 1975, pp. 135-146). A técnica, como filosofia, literatura e arte no final da Idade Média entrando na Renascença, tem uma ruptura e uma mudança de mentalidade em relação às outras eras da técnica.

Tal revolução pastoral descrita por Darcy Ribeiro foi onde os "impérios salvadores despóticos" foram criados, com a civilização bizantina e islâmica sendo os principais representantes, que se expandiu por toda a Europa, África e Oriente Médio, esta expansão pastoral da Idade Média foi caracterizada por sua tecnologia de ferro da "cavalaria de guerra" (Cf. RIBEIRO, 1970, pp. 93-99). Já entrando no renascimento com essa mudança de mentalidade a "especialização" se torna presente nos trabalhadores (hoje tecnólogos e engenheiros). Essa mudança tem um forte apelo à natureza e ao interesse pelo empírico. Um personagem importante dessa mudança de mentalidade foi Copérnico com sua nova posição sobre a rotação da terra e seu movimento rotativo em torno do sol, outros personagens importantes da época em que encontramos Galileu, Leibnitz, Descartes, etc. (Cf. BONILLA, 1975, pp. 163-176). Este último em suas lutas pela verdade racional, Luís Bonilla, nos diz: "Descartes com seus desejos veementes na eficácia técnica da ciência, que lançou as bases das técnicas industriais [...]" (BONILLA, 1975, p. 178), sobre os fundamentos seriam os fundamentos filosóficos da ciência.

Além disso, Leonardo da Vinci, foi outro grande representante do desenvolvimento da técnica renascentista, mas o maior, que apesar de Ortega e Gasset criticarem o senso inutilitarista de técnica que ele tinha, muito parecido com o sentido inutilitarista da técnica dos gregos, da mesma forma, Leonardo em sua obra Codex Atlanticus faz anotações atualizadas de ideias técnicas que lhe deram fama merecida e o nome de "homem científico", suas habilidades multifacetadas o levaram a projetar novos "artifícios mecânicos" a serviço da técnica (Cf. p. 178-182).

Segundo Bonilla (1970), a natureza da técnica ou preocupação com a técnica no renascimento foi "[...] a busca de energia motora para novas máquinas [...]" (p. 186), como vapor, vento, água, etc. Mas já para Darcy Ribeiro, neste período renascentista houve uma revolução comercial, sendo uma nova revolução fundada na tecnologia de navegação oceânica, essa nova tecnologia se baseia no refinamento de instrumentos de navegação: como "[...] bússolas magnéticas, quadrantes, sextantes, astrolábios, gráficos celestes, portulanos, cronômetros, etc. [...]" (RIBEIRO, 1970, p. 103). Esse período de renascimento e a revolução comercial é complexo, além da tecnologia de navegação também encontramos outras tecnologias: a redescoberta da mecânica, o aprimoramento das revoluções metalúrgicas revolucionadas pelos processos industriais, a melhoria dos moinhos de vento, a fabricação de papel, a fabricação de tipografia e a produção de instrumentos ópticos (Cf. Idem).

Isso levou a ciência e a arte a perceberem um imenso desenvolvimento criando uma nova

revolução tecnológica chamada por Darcy, a Revolução Industrial e por Luís Bonilla, a Era Industrial, tais eventos protagonizaram o vapor. O vapor é o início de uma nova era e uma nova revolução, a era ou revolução industrial é o criador de inúmeras máquinas, especialmente a ferrovia (Cf. BONILLA, p. 211-215). Aqui a especialização se torna mais proeminente, os estágios cognitivos são ainda mais especializados. Mas o mais importante ou mais importante deste momento é o processo de maquinismo técnico que, para Darcy, tal desenvolvimento foi concebido em três etapas: O primeiro passo foi dado pelo desenvolvimento de motores a vapor. O segundo passo da revolução industrial ocorreu entre os séculos XIX e XX com o surgimento da eletricidade⁴. O terceiro passo foi a construção de motores de explosão com combustível à base de petróleo (Cf. RIBEIRO, p. 121).

Entre 1890 e 1930 a ciência progrediu surpreendentemente e acelerou até hoje, em nossa última década foi ainda mais acelerada. Uma nova revolução tecnológica começa a acontecer e o desenvolvimento, ciência e tecnologia começam a uma união sem precedentes na história humana, tal união começa a dar um vestígio de superespecialização, super profissionalização e uma imensa aplicação de recursos tornando a ciência mais agressiva e tecnológica. Darcy Ribeiro nos diz: "Ciência <e tecnologia> se tornarão... no agente fundamental da ação humana sobre a natureza externa, sobre a ordem social e sobre a própria natureza humana [...]" (RIBEIRO, 1970, p.149). A agressão tecnológica no século XX deu origem à revolução termonuclear e à era espacial, o reordenamento social hoje da referida revolução é caracterizado por três fatores: 1. Redução "[...]" do intervalo entre o progresso teórico e suas aplicações práticas, de modo a fundir ciência e tecnologia em uma única entidade no plano operacional [...]" (p. 148) 2. A profissionalização da ciência e tecnologia acelera e seu potencial humano também 3. Há um aumento de recursos aplicados à ciência e tecnologia (Cf. p.149).

Juntamente com a técnica termonuclear e atômica e a tecnologia é encontrada no subconsciente humano a conquista do espaço (Cf. BONILLA, 1970, p. 289), você descreve para nós que a "técnica espacial" tem "várias perspectivas": satélites artificiais para fins acadêmicos, para fins de "telefotografia terrestre" e aqueles para fins de guerra. A técnica de hoje, como em outros tempos, tem sido serva e auxiliar do homem ou seu criador, especialmente do homem que busca o poder ou do homem amante do poder, tal servidão tem sido de maior importância nos dias de hoje, ou seja, a técnica é o servo daqueles homens amantes do poder que são mais autocráticos e autoritários para o resto da humanidade.

Mas, pelo contrário, também tem sido de grande importância para a evolução social e política da humanidade, por exemplo, a mecanização reduziu o trabalho doloroso e forte realizado

⁴ Esta passagem da Revolução Industrial Luís Bolina renomeou a Era das Grandes Invenções. A descoberta da eletricidade ajudou avanços técnicos como: rádio, televisão, microscópio eletrônico, raio x, radioterapia, calculadoras eletrônicas, raios laser, técnicas espaciais, etc.; tudo isso representou a maior revolução técnica da humanidade (Cf. Bonilla, p. 235-239).

por crianças e mulheres de outras épocas, com a tecnologia médica a indicação da mortalidade infantil foi reduzida e a vida humana média aumentou. Alguns argumentam que sem a técnica o "[...] padrão de vida teria sido mantido em escala medieval [...]" (BONILLA, 1970, p. 227). Entre culpar a tecnologia pelos grandes males da humanidade ou, ao contrário, afirmar sobre os grandes feitos e maravilhas da tecnologia, Luís Bonilla, reside na libertação que a técnica produz para a humanidade não culpa a técnica, mas o instrumentalismo derivado dos aspectos políticos por trás dela, porque tais agentes políticos usam a tecnologia como instrumento de seu poder.

Em certa medida, ambas posturas fazem sentido, porque a técnica libera e aliena, constrói e destrói. Para Darcy Ribeiro, em sua descrição das oito grandes revoluções tecnológicas enfatiza a importância da técnica para o homem, a tecnologia está imersa dentro das crenças e valores de uma sociedade (Cf. RIBEIRO, 1970, p.16). A tecnologia promove os avanços evolutivos da humanidade em novas formações socioculturais, que para os processos tecnológicos de Darcy, como processos civilizatórios, têm influência decisiva no social e no ideológico (Cf. p. 20). Em relação ao exposto, vamos nos fazer as seguintes perguntas: a técnica é ou não é uma assistente para a libertação do ser humano? O maquinismo técnico ajudará o progresso? Ou vai se transformar o homem em seu servo da tecnologia? Será que a técnica e seu fazedor, o homo Faber, deixarão de ser um sábio que experimentou por curiosidade científica para se tornar um servo vulgar da tecnologia?

2 Mayz Vallenilla: Alienação e técnica

Assim, como devemos buscar um terreno comum, onde as ideologias convergem, as epistemologias convergem e as ontologias convergem em um único evento interrogativo e dialético, sobre a ideia do homem; também, o que entendemos para nós mesmos, o que entendemos sobre os outros, em suma para Mayz Vallenilla o que nos definiria hoje é a alienação imanente pela esmagadora tecnificação do mundo (Cf. MAYZ, 1993, p. 4). Porém, queremos descrever o conceito de alienação da perspectiva Mayziana, ou seja, "[...] sob a fórmula da inadequação do existir [...]" (p. 5) e o conceito de queda como esquecer o ser, de uma vida inadequada sob o domínio da técnica, que para ele, tal perspectiva conceitual de alienação é mais ampla do que a esfera do conceito de alienação da esfera econômica materialista. Ele nos diz que sua pretensão não é entrar em conflito com tal ideologia, mas provocar e iluminar a "ideia do homem contemporâneo" à luz da técnica, ou seja, ele quer estimular um diálogo no qual todas as posições possam ser debatidas. É por isso que, em tal debate, propõe rever duas das filosofias, a marxista e heideggeriana, que desenvolveram dialeticamente ainda mais esse aspecto da alienação em geral. São "duas concepções antagônicas", uma dentro da esfera econômico-materialista e outra dentro da esfera ontológica-existenciais, sem que a economia pudesse parar de ter um encontro ontológico e às existenciais um encontro materialista, pois apesar de seu antagonismo,

tem alguns pontos de encontro.

O senso da alienação de Marx e de Hegel é a estranheza da consciência em seu caminho ou trânsito para alcançar a autoconsciência, mas Marx transforma e expande tal conceito de alienação, tal dialética entre consciência e autoconsciência deve ser dada em relação à natureza, porque o homem adquire uma relação necessária entre a natureza e seu "ser natural", o homem se apropria, procura dominá-la, de acordo com isso acontece, porque tal relação homem-natureza é por causa de sua "raiz primária do trabalho", como se pode ver na pequena história da técnica deste ensaio, afetou sua própria relação com a natureza e sua condição existencial. O homem cria uma relação existencial e obrigatória com a natureza, que tal relação, na interpretação de Mayz de Marx, ainda não representa uma alienação (Cf. MAYZ, 1993, p. 7).

Segundo Mayz, para Marx, tal situação de alienação surge com o trabalho do homem, mas não apenas com o fato de trabalhar, mas com o fato de que ele cobra pelo trabalho, porque "[...] o que é produto de sua obra não é mais dele. Quanto maior esse produto, mais ele diminui [...]" (Cf. MAYZ, 1993, p. 8), a intimação de Mayz sobre Marx, além de descrever a relação do trabalho com o produto, parte daquela concepção original do homem com a natureza, pois nascem a propriedade privada e a divisão do trabalho, com uma nova relação do homem com o próprio homem, uma relação do amo e do escravo. Tal realidade gera no homem uma nova relação existencial com o mundo, em suma, a alienação da perspectiva marxista é decantada da seguinte forma: "[...] o trabalho alienado produz uma alienação quádrupla no homem, ou seja: a) respeito ao seu produto; b) respeito à sua própria atividade; c) Em relação à Natureza; d) Em relação aos outros homens [...]" (p. 10).

Em relação à primeira alienação o homem se sente alienado, sente-se distante com seu produto, o produto se torna um poder independente dele, onde o homem sente uma ameaça latente desse produto, o homem sente que tal relação o destrói, sendo esse produto não para ele, mas se tornando capital dos outros, às vezes o valor do produto se torna um valor maior do que qualquer um pode ganhar em um mês dos salários, portanto, sua posse é inatingível, "[...] de tal forma, o homem é alienado de sua própria criação [...]" (MAYZ, 1993, p. 10-11). A segunda forma de alienação refere-se em relação à atividade de criação do produto em si, ela é alienada em relação ao que produz, mas na própria atividade de criação há uma alienação, pois em um conflito consigo mesmo, não se sente bem, não é feliz, diz Mayz, as pessoas se recusam a mimar, sentem um mal-estar existencial com o que fazem, porque seu trabalho não é para ele, mas para outros (Cf. p. 13). Como consequência e na medida em que nos sentimos estranhos com o produto, com nós mesmos, porque não estamos felizes com o trabalho, que nos levaria a uma alienação com a natureza, porque somos despossados do nosso produtor e da nossa criação, vamos entender aqui que a natureza é o próprio corpo do homem, então o trabalho alienado distancia de seu próprio corpo, portanto, da natureza externa ou do ambiente que o cerca, segundo a interpretação de Mayz

de Marx, faz do homem um inimigo de si mesmo, de seu corpo e de seu ambiente, por exemplo, nos diz, o trabalhador de uma mina, começa a ter uma estranha manifestação de ressentimento contra a terra onde trabalha (Cf. 14).

Segue-se que o homem é objeto de sua própria obra, a alienação do homem com outros homens, tal relação de objetificação ou coisificação do homem, da relação do amo e do escravo, é o mais complexo dos quatro tipos de alienação marxista, diz Mayz, "[...] de tal forma, o homem não vive mais para o homem, mas apenas preocupado consigo mesmo e acusado da necessidade de manter sua existência física exclusiva [...]" (MAYZ, 1993, p. 15), na verdade, isso leva o homem a uma luta com o outro, aumentando radicalmente seu egoísmo.

De qualquer forma, as quatro formas de alienação é uma alienação geral e material que desumaniza o homem, transformando-o em um opressor e o outro em um oprimido. Para Mayz tais elementos que produzem a alienação do homem são uma consequência da descrição marxista, mas para ele, Carl Marx, ele só descreveu tal realidade de uma perspectiva econômica, interpretação valiosa de Marx, mas segundo os quatro tipos de alienação também são consequências de algo que vai além da economia, por isso, para Mayz Vallenilla tal sonho de superar a alienação do homem é um pouco utópica, porém difícil de superar por suas diferentes consequências. Marx, concebe a alienação como um fenômeno histórico-materialista e suas causas residem na obra gerada pela propriedade privada e a abolição delas ajudaria a superar a alienação (Cf. MAYZ, 1993, p. 19). "De fato, se dermos efeito à sua própria maneira de conceber a alienação (vale dizer, como fenômeno histórico e, portanto, dependente das condições socioeconômicas que o determinam)" (Idem) se tal alienação seria abolida ao chegar a um "Estado Comunista" onde o trabalho seria eliminado, portanto propriedade privada, que para Mayz é utópica e distante do que acontece hoje em relação com a técnica. Porque se o trabalho e a propriedade privada fossem abolidos ainda haveria o fenômeno técnico muito fortemente, portanto, a alienação do homem, aquela força desumana que é a alienação, ainda existiria, porque essa alienação econômico-marxista é e será complementar à alienação técnica. Assim, para nosso autor, Ernesto Mayz Vallenilla, a alienação tem uma origem metafísica e não materialista-econômica da qual Marx falou, esta última, sem desperdícios, é de grande importância para a história do pensamento político, mas é complementar à alienação técnica.

O homem é, portanto, um ser carente e sua necessidade – que é a expressão dessa passividade, condicionamento e limitação que caracterizam sua existência – é ao mesmo tempo uma manifestação onde encontra externalização e realização a característica ontológica mais radical que define sua existência: a finitude como tal. É precisamente uma finitude – como uma estrutura ontica-ontológica da existência – o solo nutritivo e o horizonte metafísico em que a condição alienada do homem está enraizada e é a partir dela – como ingrediente fundamental da essência ou natureza do corpo humano – que todas as características concomitantes que moldam o perfil da alienação surgem e se originam como um fenômeno que afeta o comportamento daquele corpo humano (MAYZ, 1993, p.

20).

A inclinação de Mayz para explicar a alienação da metafísica de Heidegger e não a alienação do materialismo de Marx, é porque tal ponto de alienação metafísica está entre a separação radical entre a Natureza do homem e a Natureza da natureza o (meio ambiente),

[...] o homem, pelo simples fato da existência humana, difere radicalmente (tanto subjetivamente quanto objetivamente) do nu e mera Natureza. Entre ele e isso surge uma distância e essa distância – que promove a gênese e o desenvolvimento da objetividade humana autêntica e primária – faz da Natureza um ser estranho, oposto e inapropriado para o homem (MAYZ, 1993, p. 21),

como consequência do homem em seu desejo mais primitivo e técnico, deseja como vontade de poder, dominar e controlar os avatares da natureza, tal evento vai acontecer e isso acontecerá com a técnica, então, seu ser mais primitivo e arquetípico for eminentemente técnico, Homo Faber da razão técnica (Cf. p. 22).

A necessária conexão entre Marx e Heidegger, para Mayz é porque o fenômeno da própria condição humana cria um exercício de finitude latente, que não pode ser resolvido apenas de uma perspectiva econômica, é, portanto, a necessidade de transferir tal sentido da condição humana de sua condição arquetipicamente técnica de seu ser primitivo através do caminho das análises existenciais, o que, segundo Mayz, cria, portanto, um verdadeiro diálogo do físico e metafísico, do econômico e do existencial. Quando se trata de conectar a visão de Marx com a de Heidegger, ele traz para a frente o texto, onde Heidegger faz um reconhecimento e dá a devida importância à historiografia do pensamento marxista e, como resultado, o próprio Mayz nos diz que é de suma importância reconhecer a filosofia marxista como a grande filosofia do conceito de alienação, assim como a ideia do homem e de sua história, por isso é significativo e importante dialogar com essa filosofia (Cf. MAYZ, 1993, p. 36). Nesse sentido, Marx estava certo, quando diz que o trabalho é o fundador da alienação, mas "a Técnica é precisamente o expoente exemplar do trabalho realizado pelo homem contemporâneo, ou porque o trabalho contemporâneo é um "trabalho técnico", é precisamente na Técnica que a essência e características constitutivas da visão materialista devem ser apreendidas" (p. 36).

Em seguida, alienação técnica, citando Mayz a Heidegger: "Das Wesen des Materialismus verbirgt sich im Wesen der Technik" (MAYZ, 1993, p. 36) (A essência do materialismo está escondida na essência da técnica), podemos dizer que se a essência do

materialismo (Wesen-Materialismus) está na essência da técnica (Wesen-Technik), devemos pensar na técnica, transformá-la em uma disciplina antropológica, sociológica e metafísica, por si só, é querer pensar sobre ela a partir das diferentes perspectivas possíveis,

No entanto, sendo também o Trabalho que deriva da alienação do homem, é precisamente o trabalho técnico como circunstância em que o trabalho do homem contemporâneo é realizado, e através do qual entra em relação ao seu mundo, onde precisamente ocorre o fenômeno fundamental da alienação contemporânea (MAYZ, 1993, p. 36).

Já em *Ser e Tempo* nos diz Mayz Vallenilla que com o termo "queda ou *caída* (Verfallen)" Heidegger se referiu à alienação como um dos elementos existenciais, (Cf. MAYZ, 1993, p. 38) como tal, alienação é um fenômeno fortuito e contingente, é, portanto, um modo de "Dasein", dentro da existência do homem e sua vida cotidiana (Cf. p. 39), é, portanto, alienação "concebida de tal forma", uma possibilidade essencial da existência, ou, ainda melhor expressa, uma possibilidade real e até necessária" (Idem). A alienação como esse elemento existencial do drama humano é um esquecimento do ser (Cf. p. 40), Mayz descreve que para Heidegger a técnica é histórica e essencial que vem do "Ser" onde os seres são evidentes (Cf. p. 46), é aí que ocorre uma alienação, *no esquecimento do ser*, criando uma diferença ontológica entre seres e corpos. Nesse sentido de alienação, o conceito de "alienação marxista" seria anexado, pois no caso de a humanidade chegar ao "comunismo" em sua totalidade, mas se o uso da técnica prevalecesse, a alienação não desapareceria como afirmamos acima, certas condições econômicas, políticas e até sociais se moveriam, mas as condições existenciais de alienação técnica não se moveriam. Assim, a alienação econômica é fundamental, mas muito limitada, nesse sentido, deve ser complementada pela interpretação da alienação técnica que, segundo Mayz, ajudaria a ampliar um pouco mais o horizonte que vislumbramos sobre alienação (Cf. 47), razão pela qual "novas nuances ou modalidades dessas alienações, ou mesmo novos tipos de alienação ainda desconhecidas, poderiam surgir" (Idem).

Nesse sentido, a alienação da técnica, é uma modalidade do Dasein, em seu sentido mais geral de uma existência inadequada, que esquece ao ser, entendendo o ser de Heidegger, como o que permite e ao mesmo tempo desapropriar a todos os entes, que está neles, mas que ao mesmo tempo é distante e em diferença com eles, em si, é a condição da linguagem que permite a existência das coisas, portanto, ser, é pensar, mas não esse pensamento da perspectiva analítico-racionalista, mas pelo contrário é o pensamento da analítica existencial.

Tal processo de alienação leva o homem a se colocar na vanguarda da natureza, força e submetê-lo aos seus projetos, é tal que a alienação técnica é aquela que patenteia a entidade, é a conversão do existente ao existente, é necessário submetê-lo impondo sua vontade absoluta, onde

está "[...] inserido dentro do projeto técnico, ambas de natureza, como as autoridades que o compõem, então aparecem como possíveis materiais do trabalho ou produção do homem [...]" (MAYZ, 1993, p. 51).

Apesar da grande ameaça da técnica ao desenvolvimento da humanidade, não podemos negar que seus avanços também têm sido positivos para o nosso desenvolvimento, mas estas são condições externas da técnica que nada tem a ver com a alienação da técnica que a partir da análise existencial, nesse sentido, a alienação da técnica é um estudo da própria existência do homem, de sua interioridade, é um modo de "Dasein". Hoje continua sendo o problema da alienação que afeta o "comportamento humano" e sua existência em geral, é algo em comum o pensamento de Heidegger como o pensamento de Marx tentando superar a alienação (Cf. MAYZ, 1993, p. 61), mas me pergunto como superar tal problema se é algo que pertence à nossa natureza finita? Mas essa finitude é superada pela técnica, onde nós mesmos exercemos atitudes de criador e consumidor das coisas.

3 Mayz Vallenilla: ética meta-técnica

Mayz Vallenilla nos diz que toda ética, seja qual for o seu fundamento, é consequência do comportamento humano, portanto, da natureza humana, este é do seu "Ser Natural" (Cf. MAYZ, 1990, p. 106). Deixar de ser natural, do "Ser Natural" do homem, para se tornar uma ética do ser supranatural do homem, ou seja, de sua segunda natureza? Segundo Mayz, os limites comportamentais seriam alterados por essa nova ética de segunda natureza (Cf. p. 107). Portanto, na medida em que a ética não se incorpore às demandas dessa nova alteridade altamente tecnológica, cairíamos em uma sociedade cada vez mais alienada pela tecnologia (cf. p. 110). Para Mayz, isso significaria criar "novos valores" que se tornariam novos tipos de direitos de novos códigos e regras, tais teriam uma estrutura ontológica fora da tradição tecno científica, seriam adaptados a novos tipos de significados metatécnicos, por Portanto, tal projeto ético "[...] não deve responder a nenhum tipo de motivação emocional, religiosa ou metafísica [...]" (p. 111), mas deve estar sujeito a conhecimentos metatécnicos.

Em consequência e em conexão com a ética que para Mayz geraria um novo tipo de direito, encontramos seu conceito de Estado, que é desenhado pela "ratio technica" para exercer uma dominação econômica, política e social; É por isso que os Estados-Nação hoje não são tão independentes como se costuma dizer, mas ao contrário são Estados transnacionais, que pela mesma técnica vão perdendo o sentido de espacialidade e autodeterminação de suas próprias soberanias, desenvolvendo uma ideia de um governo planetário com maior ênfase a cada dia, que para Mayz, tal ideia seria plausível devido ao mesmo avanço da tecnologia, mas ele a considera utópica e distante (Cf. MAYZ, 1993, p. 115), um exemplo concreto das possibilidades

metatécnicas seria o da Estação Especial Internacional, que é vista como um Estado Espacial e transnacional sem ideologias; que para um sentido prático, a questão espacial que as nações com as maiores tecnologias do mundo e com diversas ideologias políticas se unem transnacionalmente para um propósito científico e metatécnico comum. Assim, a Estação Especial Internacional é um pequeno começo de um governo interplanetário, transespacial e transnacional (Cf. idem).

Segundo Mayz, essa necessidade do homem de ter e exercer o poder é consequência da razão técnica, pois esta fundamenta a mesma ética, mas tal fundamento segundo Mayz deveria ser trocado por uma nova forma de valores como os que temos. Já expressa, mas essa necessidade de poder não está só na política, mas na necessidade de possuir e dominar a natureza em sua totalidade, ou seja, pode-se dizer que na necessidade de poder, de dominar, dada por nossas próprias limitações em face da natureza, uma ilusão quase patológica nasce para transcender sua finitude. Que tal transcendência de sua finitude deve dominar completa e absolutamente a natureza. Em suma, tamanha determinação mayziana, o que para nós significa é que tanto poder político e econômico está subordinado à razão técnica, que até a política hoje é concebida como tecnopolítica (o jogo macabro do Fake New, mas também tecnopolítica são estatísticas, interpretações, em suma, quantificação da política); o problema da especialização é o problema da tecnificação, mas a técnica é o produto da "ratio technica", onde ela pode se voltar contra ela, a excessiva tecnoespecialização do mundo pode nos levar a um novo estágio das coisas desepistemológicas e desontológicas, sem dar sentido à produção teórica, o todo é um todo de funcionalidade, de função instrumental, tal necessidade de poder pela técnica é também necessidade de controle do comportamento, da moral, dos valores humanos, mas em termos de o serviço e a misericórdia de tal tecno-especialização.

Para concluir, segundo Mayz o problema da alienação nos leva a entrar em um maior aprofundamento da antropologia e da metafísica, sendo duas faces da mesma moeda, sendo ambas as áreas da filosofia, entretanto, considerando que perguntar pelo homem é apenas antropológico. Não completa essa questão mais específica em relação ao homem e à tecnologia e vice-versa, enfim, perguntar-nos sobre nós mesmos é uma questão antropológica e metafísica. Nesse sentido, a ideologia crítica de tal relação homem-técnica não deve, segundo Mayz, exercer um monopólio, que quase sempre complementa a esfera econômica e não existencial do homem, razão pela qual Mayz traz para o palco filosófico, a alienação não da economia em si, mas da existência. Um conceito heideggeriano e não marxista de alienação, deixando claro que a meu ver não desloca ou elimina o conceito de alinhamento econômico, mas sim que se pode complementar.

REFERÊNCIAS

BONILLA, Luís (1975). *Breve Historia de la Técnica y del Trabajo*. Madrid España: Ediciones ISTMO.

- RIBEIRO, Darcy (1970). *El Proceso Civilizatorio*. Caracas Venezuela: Ediciones de la Biblioteca-UCV.
- MAYZ, Ernesto (1990). *Fundamentos de la Meta-técnica*. Caracas Venezuela: Monte Ávila Editores.
- MAYZ, Ernesto (1993). *Del Hombre y su alienación* (1976) en: *El Sueño del Futuro*. Caracas Venezuela: Equinoccio USB.
- VALLOTA, Alfredo (2004). *Ernesto Mayz Vallenilla UN PENSADOR DE LATINOAMÉRICA PARA EL SIGLO XXI*. Caracas Venezuela: Archivo Mayz Vallenilla en: <http://www.bib.usb.ve/ArchivoMayz>